

Lágrimas de Protesto

Paulo Rabello de Castro*

Artigo publicado no Jornal O GLOBO, em 1º.03.2005.

1º de março. Aniversário do Rio. De um Rio de sangue, segundo os mais recentes indicadores do IBGE. A instituição deu de presente ao Rio, às vésperas de seu aniversário, a estatística que faltava para denunciar a falência social da cidade ex-maravilhosa. Os indicadores sociais do IBGE trazem o Rio no topo da lista das cidades brasileiras que vêem seus filhos morrer brutalmente. Com 86,5 homens por cada 100 mulheres (dados de 2003, para as principais regiões metropolitanas do país) o Rio é o campeão de sangue, pelo morticínio de jovens do sexo masculino, todos cariocas condenados à morte na cidade mais triste do Brasil. Triste por causa das mães que choram os filhos perdidos na guerra civil não declarada que desce morro abaixo, ganha o asfalto, invade casas e apartamentos e, finalmente, instala-se nos governos, nos tribunais, no Legislativo, nas empresas e nas famílias. A cidade da alegria e do carnaval resiste como pode, ora rindo, ora suplicando ajuda, ora apenas se desesperando silenciosamente.

O leitor terá até curiosidade de meditar, incrédulo, sobre os números da criminalidade no Grande Rio. A média nacional da relação homem-mulher aponta, de fato, que há menos homens do que mulheres na população brasileira. Essa média brasileira apontaria para 95 homens para cada 100 mulheres, já que estas, por sorte, vivem mais, e morrem menos por causas violentas.

O fato, porém, de o Rio estar disparando na ponta do fenômeno (somos apenas 86,5 homens por cada 100 mulheres no Rio) desperta a busca de explicações. Não precisamos ir longe. O Rio perde seus filhos homens, de morte violenta, na guerra em que os jovens, sem oportunidades legais, bandeiam-se para o mundo dos ilícitos e, em seguida, são ceifados pelo cano de um revólver.

O Rio de Janeiro, entretanto, está longe de ser a pior, ou a mais carente cidade do país. Por que então logo aqui nos tornamos campeões da maldade social? Não tenho dúvida de que o Rio maltratado é o Rio que se maltrata e se mortifica. Primeiro, sofremos os maus-tratos políticos. Depois, nos tornamos maus conosco mesmos. Nenhuma outra cidade doou-se para outra como o Rio se doou a Brasília. Em 1960, perdemos, de um dia para o outro, a sede administrativa do país, justamente naquelas duas décadas do salto econômico brasileiro. Em compensação, viramos um novo estado da Federação — a Guanabara — e com excelentes administrações, de Carlos Lacerda e Negrão de Lima, contornou-se a perda da capital federal. Mas, em seguida, veio o estupro da fusão com o estado vizinho; o casamento sem consulta aos noivos, a coisa arranjada nos porões do autoritarismo militar, a mistura sem sentido de culturas políticas tão distintas quanto seria a união do Amazonas com Santa Catarina. O povo calou. E a cidade foi, então, resvalando, sem palavras, sem mais gestos ou protestos, como uma Geni, para os braços de quem mais lascivamente a possuísse, mesmo que fosse para maltratá-la depois.

O resto todos sabemos. A perda da Bolsa de Valores, das sedes de bancos e das empresas (esta semana a Aracruz Celulose anunciou que vai tirar daqui seu escritório central), a evasão das inteligências mais brilhantes, dos executivos mais criativos (sorte de São Paulo e da ponte aérea) e a fuga de tudo aquilo que traria para uma cidade de importância planetária — como o Rio ainda é — a geração das rendas e dos empregos necessários ao resgate dos meninos do Rio, salvando-os da marginalidade e da morte prematura.

Rever o destino do Rio é uma necessidade e uma urgência. Há esperança, se houver luta pela autodeterminação desta cidade, a única que torna o Brasil visível ao interesse do mundo. O Rio ainda é a cidade global, emprestada ao Brasil para ser bem cuidada e resguardada. O Rio tem identidade social própria, e continuará sendo a capital cordial de todos os brasileiros, se puder retomar sua autonomia política, com governo estadual próprio e representação institucional, como ficara estabelecido pelos constituintes de 1946, que criaram Brasília. As estatísticas que hoje choram a morte do Rio são lágrimas de protesto por nossa reação. Ainda há tempo, se houver coragem de uns e a determinação de todos.

***Paulo Rabello de Castro** é economista.

